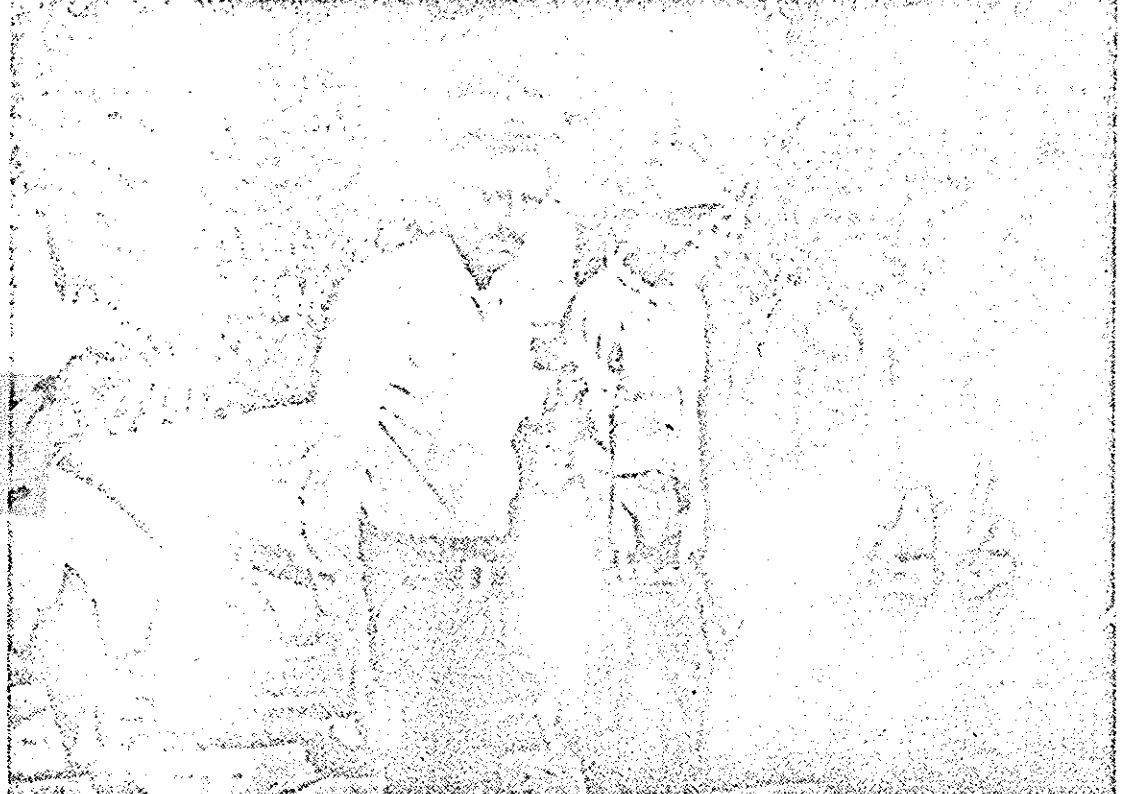


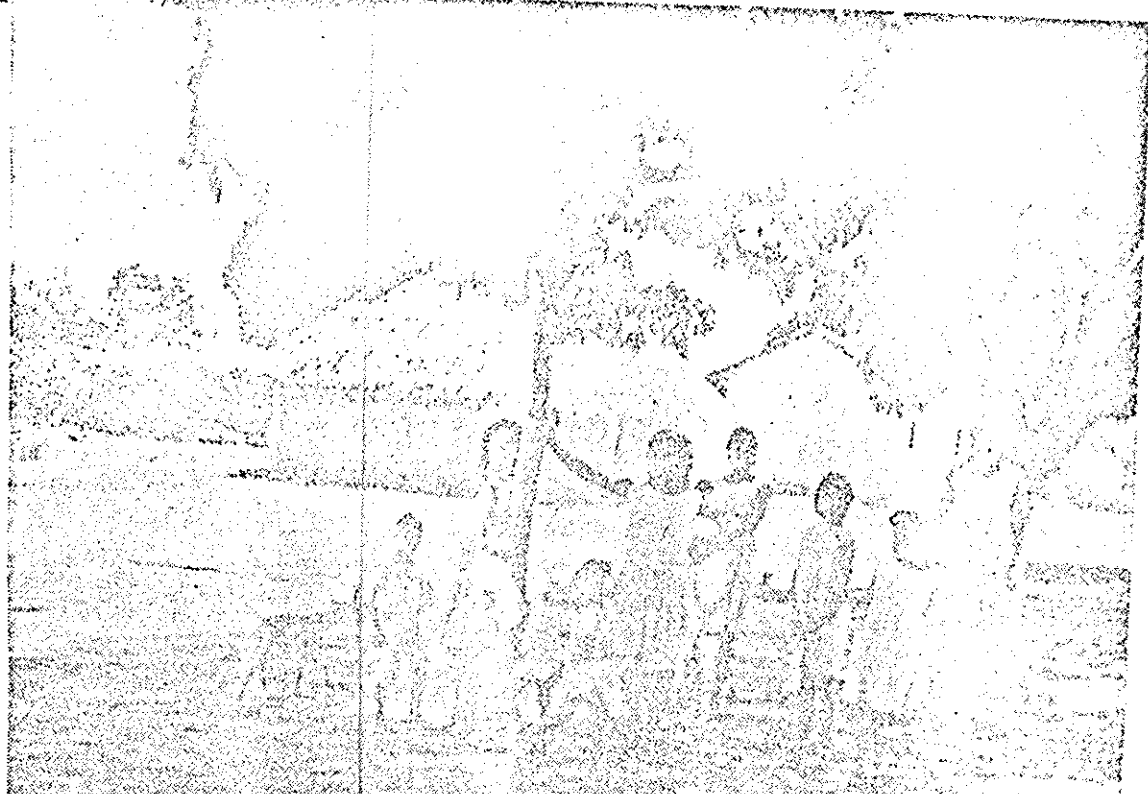
JR ANO MES DIA 68/04/28 CAD. PAG. 132

A AUTORIDADE IRRESPONSÁVEL



O Prefeito de Aripuanã, Amauri Furquim, é sócio de uma quadrilha que explora os índios.

QUADRO COMUM



A tribo dos Bakairi vive desassistida: um casal norte-americano é quem dá as ordens

Sertanista denuncia novo massacre de índios de Mato Grosso a metralhadora

Miriam Alencar

Apesar das inúmeras denúncias de genocídio contra os índios brasileiros e das ameaças das autoridades de punir com rigor os responsáveis pelos massacres as tribos brasileiras continuam a ser exterminadas nos dias atuais, segundo garantiu ao JORNAL DO BRASIL o sertanista Ramis Bucari.

Após visitar quatro postos do ex-SPI na região norte de Mato Grosso, a reportagem do JB constatou em todos eles um quadro comum: fome, miséria, doenças — principalmente tuberculose —, ignorância, venda de índios e a descaracterização da cultura indígena.

Com raras exceções, os encarregados dos postos do ex-SPI são irresponsáveis e ignorantes: preocupam-se apenas com seu bem-estar pessoal. Na realidade, quem comanda os postos do ex-SPI em Mato Grosso são os missionários norte-americanos — eles estão em todos os postos —, que desfiguram a cultura original dos índios e lhes impõem o protestantismo.

A DENÚNCIA

— Continuando falando índios em Mato Grosso.

Quem faz esta declaração é o sertanista Ramis Bucari, funcionário do ex-SPI, um estudioso do assunto, que tem acompanhado de perto o drama dos índios daquela região e que por isso mesmo há de falar com autoridade.

Em dezembro de 1967, recentemente, Bucari, foram transferidos a fim de metralhadora os índios Nambiquera, que têm aldeamento no município de Mato Grosso, antiga Vila Bela. Só numa aldeia foram mortos de oito a dez índios — homens e mulheres. Quem pôde salvar disso é o missionário alemão Adolfo Gustavo, de Missão Cristã Brasileira. Ao que eu sei, não houve o fato não foi comunicado às autoridades que investigam o problema. Ainda quando informado que tenho, estaria ciente do fato o Comandante do II Batalhão, sediado na Cidade de Cáceres.

O ABANDONO

Se é difícil comprovar in loco a matança de índios no interior do Brasil, e mais do que evidente nesta, como em outras regiões indígenas, o abandono a que os índios foram relegados pelo Governo, por falta absoluta de assistência e pelo total desprezo dos encarregados dos diversos postos do ex-Serviço de Proteção aos Índios.

A "proteção aos índios" na região norte de Mato Grosso é investigada nessa reportagem, que tem como anfitrião quatro postos localizados em Corrego Grande, Simões Lopes, Paraisópolis e Major Franchi. São postos que, para efeitos geográficos, são considerados próximos de Curitiba, onde funciona a Inspeção de Índios da região.

EM CURUBÁ

O Major João Franchi é o diretor da Inspeção de Índios local. É um senhor tranquilo, que assumiu o posto no dia 2 de fevereiro e tem a maior boa vontade com o assunto. Suas informações de pouca importância, pois, segundo ele, nada de anormal tem chegado ao seu conhecimento.

Acreditamos em sua versão, porque o caso da matança dos índios envolve nomes importantes da região, que possuem poder e que conseguem comprar — na maioria das vezes através de ameaças de morte — todos aqueles que se atrevem a tentar denunciar o que sabem, como é o caso do sertanista Ramis Bucari.

O melhor exemplo disso é o caso denunciado pela imprensa, no ano passado, do trucidamento dos índios Cinta-Larga e Boito-de-Pau. Uns foram exterminados com soro misturado ao aqu-

car por seringueiros e outros pela quadrilha de Antônio Mascarenhas Junqueira, o Canguru, que chegou a espartilhar uma índia. O Junqueira ou Canguru é pessoa influente, rico e poderoso, que ameaça qualquer um. Possui imensas riquezas de terra, e continua levando uma vida normal, embora sobre sua cabeça pesem vários crimes. Seu processo foi arquivado e nada lhe aconteceu: ele passava tranquilamente pelas ruas de Curitiba.

— Como ele existem outros fazendeiros importantes, que sem se preocupar com as ameaças de punição através do Governo, estão cientes de sua impunidade.

ARIPUANÁ

No caso de Antônio Mascarenhas Junqueira, que contratava pilotos para bombardear aldeias, há um detalhe a acrescentar: ele é sócio de Amauri Furquim, Prefeito de Aripuanã e acusado pela população local de participar das matanças, facilitando o trabalho da gangue.

Quanto a Amauri Furquim, ex-escudeiro, é o único município do Brasil que não conhece o processo eleitoral. Sua população, reduzidíssima, vive num estágio de civilização inferior. Situada às margens do Rio Roosevelt, apenas administrativamente pertence a Mato Grosso, pois seu intercâmbio econômico se processa através do Amazonas e Pará. Sua triste miserável vive da extração da borracha.

É praticamente inexistente, a não ser por via aérea, e são poucos os pilotos que se aventuram na região. Além disso, a Prefeitura de Aripuanã e seu Prefeito estão sediados em Curitiba e é difícilmente dá permissão a algum visitante, especialmente se for jornalista ou etnólogo. Se alguém tentar chegar de surpresa em Aripuanã, sem autorização, não encontrará tempo de pensar se for "intruso", está ameaçado de prisão.

A área de Aripuanã é de 150 000 km², formada pelas terras mais férteis do Estado. É servida por uma vasta rede hidrográfica, com os Rios Roosevelt, Aripuanã, Juruena e Teles Pires, formadores da Bacia Amazônica.

Apresentam várias cachoeiras, com um potencial energético fantástico e banham terras próprias para qualquer atividade agrícola. Ali podem ser encontradas, entre outras, em abundância, sevinhas, castanheiras e ipê-cacahueta, cuja exploração é feita de forma ilegal para fora do Estado. Mas o mais importante de Aripuanã, pouca gente fala, pois é um verdadeiro tabu: uma imensa concentração de minérios, especialmente a cassiterita. Em Aripuanã estão justamente situadas as tribos dos Cinta-Larga, Amauri Furquim, além do conjunto de Antônio Mascarenhas Junqueira, por onde se vive o trânsito na região, assim como sua gente, explorando todas as riquezas da área, exterminando índios e lesando o Estado.

OS POSTOS

Com a permissão do Major Franchi, conseguimos uma visita para visitar, como foi possível, os postos considerados mais próximos de Curitiba. Próximo quer dizer a uma hora ou uma hora e meia de vôo; o dobro para ir e voltar. Visitamos inicialmente o Posto de Corrego Grande e o que vimos foi quase um campo de concentração, onde os índios Bororo (e não Bororo) pouco mais de 200, vivem na maior miséria, promiscuidade e abandono total. Para lá de tudo, de remédios a roupas. O choque maior estava por vir, na pessoa do encarregado do posto, Arlindo Dias da Costa, com um aspecto físico muito pior que o dos índios. A história de Arlindo é escandalosa e é o primeiro exemplo da "dança de postos" do ex-SPI.

Arlindo Dias da Costa é analfabeto. Era encarregado do Posto Corrego

Grande até 1965, quando foi descoberto que ele, além de espancar os índios, chamando-os de preguiçosos e vagabundos, vendia o seu gado, ficando com o dinheiro. Ele foi apunhado em flagrante quando vendia uma res, mas garantiu que fazia aquilo por ordem superior. Foi absolvido, mas como castigo o transferiram para o Posto de Barra dos Bugres, onde vive os índios Pareci. Agora, com a "reformulação" do ex-SPI, para sua felicidade, segundo suas próprias palavras, voltou ao antigo posto, onde viveu 20 anos de sua vida. A mulher de Arlindo, Eneida Anuncieta da Costa, se diz professora e como tal é registrada. Garante que leciona, mas não há material escolar. O casal tem oito filhos. A casa onde vivem é grande, mas com poucos utensílios. Lamentam-se da sorte e da falta de dinheiro. Arlindo possui NCRS 23200 e a mulher NCRS 14100. Nenhum dos dois tem condições de dar assistência aos índios, seja ela moral, cultural ou médica, num posto onde não há sequer uma aspirina.

Quando o Marechal Rondon começou o seu trabalho junto aos índios, um dos primeiros postos criados foi o de Corrego Grande. As casinhas ali construídas, que servem de moradia e escola, são amplas e de alvenaria. Rondon era querido pelos Bororo e seu lar havia capitado — o cocuete — Manuel Amaro ainda vive, com cem anos ou mais. Está tão velho que já não anda, mas ainda se lembra do "Pal Branco". Outro fato que comprova a falta total de escrúpulos de Arlindo, é que ele permite, como constatamos, que pessoas profissionais busquem nas águas do rio que serve à tribo, o que é proibido pela legislação, igualmente do ex-SPI, pois com isso os brasileiros tiram o sustento dos índios. No dia da nossa visita, pescadores de São Paulo exerciam calmamente a sua profissão.

Os Bororo, são tristes. Não se queixam da sorte e resignadamente aguardam a sua extinção. Muito inteligentes, sabem que não terão mais futuro. São atacados por todas as doenças, entre elas a tuberculose.

POSTO SIMÕES LOPES

Pensamos que tínhamos visto o pior, mas no dia seguinte vimos que foi apenas uma amostra diante do que encontramos nos postos Simões Lopes e Paraisópolis. Ao descobrirmos do avião, procuramos o encarregado, Pedro Vani, e não encontramos. Encontramos, sim, um casal americano ali instalado. Ambos são jovens, de origem italiana, além de missionários, faz estúdios fotográficos. O casal tem dois filhos pequenos e nos contou que são eles os encarregados do Posto, uma vez que Pedro Vani "não gosta do local", nem daqueles índios, os Bakairi, e preferiu viver no Posto Paraisópolis, distante 15 minutos de avião, onde vive uma tribo Xavante. Donald mostrou-se reservado e indagado sobre seus estudos de língua, relatou, mas ao tentar com a mulher algumas palavras em inglês foi buscar o gravador com uma fita. A casa em que viviam, diante das palhoças dos índios, é um palácio. Toga de alvenaria. Tem quatro cômodos simples, com telas nas janelas contra insetos. No banheiro improvisado há até chuveiro. Não faltam móveis, inclusive geladeira. No escritório, estantes com livros empilhados e a um canto, várias caixas de aço fechadas, segundo ele, contendo material para gravadores. Comunicam-se mensalmente com sua sede nos Estados Unidos, através do seu posto em Curitiba. A mulher, mais faladeira, talvez pela oportunidade de conversar com gente de fora, vai contando tudo. Da miséria dos índios, da falta de recursos, de escolas. Se não fossem eles os índios morreriam de fome. Remédios também são eles que fornecem.

SURPRESA

Enquanto visitávamos o Posto, surgiu um velho índio, simpático e calmo, que puxando a reportagem pelo braço co-

mçou a falar, e contar tudo. Era o capitão Manuel Iucane Amarante, único homem presente, pois os outros estavam na roça. Ao indagar se escreveriam para o "Grande Presidente" sobre a sua miséria e recebendo resposta afirmativa, falou sem rodeios. Suas acusações foram diretamente para Pedro Vani, o encarregado do Posto. Pedro chega a ficar oito meses sem pisar em Simões Lopes. Tem raiva dos Bakairi e não quer saber nada sobre eles. Quando ficava mais tempo no Posto, espancava os índios e chegou mesmo a puxar o revólver para um deles. De comum acordo com os seus sócios Manuel Soares e Lisou Cervane, vendem quase todo o gado dos índios para Alfredo José da Silva. Eram 1500 cabras e agora restam apenas de 200. De outra vez vendeu 450; de outra 350 e de outra 150. O dinheiro era dividido entre ele e os sócios. Os índios nunca viram um tostão. Também o dinheiro que recebe para o posto, para a compra de remédios, fica para ele. Seu maior prazer é chegar lá, matar uma res e comê-la diante dos índios, sem lhes dar nada. Pedro Vani vive há 23 anos na região, onde possui terras cercadas com o dinheiro dos índios. Desde que Rondon morreu, cessou a entrega de leite, carne e demais alimentos para o Posto.

O Capitão Manuel Iucane Amarante conta que, quando há inspeção no Posto, Pedro Vani corre para lá, manda os índios armarem tudo correndo para dar boa impressão. Isto aconteceu por exemplo, durante a visita do Major Franchi, que encontrou a aldeia na maior organização, com seu chefe à frente. Quando o Major Franchi, saiu, Pedro Vani desapareceu.

NO PARAIJO

Dekamos o Posto Simões Lopes e fomos visitar o Posto Paraisópolis e o encarregado Pedro Vani. Ao ver o cenário, veio ao nosso encontro. É um senhor de meia idade, com uma imensa barriga, e por isso mesmo alvo das chanchas dos Bakairi. Não pode correr rápido do seu péso. Acoihei-nos com simpatia e contou maravilhas dos índios, de quem gosta "como um pai", segundo suas palavras. No Paraisópolis vive também o missionário americano Duane Sisson, que chegou há quase dois meses, substituindo outro missionário. O missionário Sisson mostrou-se arrogante e pretensioso. Graças a ele, os índios Xavantes do Posto Paraisópolis estão quase todos batizados no protestantismo. Ele, assim como seu antecessor, proíbe os índios de fumar, cantar e dançar. Tudo para ele é pecado. Com a reportagem, mantive uma pequena discussão.

A reportagem lhe perguntou se impedido o índio de continuar com seus tradicionais costumes, não estaria acabando com uma cultura e consequentemente exterminando uma raça. Sua resposta foi violenta. — Isto tudo é pecado e é preciso saber que Jesus é o caminho e a salvação. Argumentamos, então, que Jesus é para os índios uma abstração, difícil de entender. Não seria melhor ensinar ensinam-los culturalmente? Por outro lado, sendo o Brasil um País católico, é justo que nossos índios se transformem em protestantes?

A essa altura, o missionário Sisson, visivelmente irritado, tentou demonstrar que os da sua creche ensinavam aos índios a cultura indígena, mas que ensinavam aos índios americanos.

No Posto Paraisópolis, vive a índia Irene, de triste história. Aos 11 anos, um casal cujo marido é antropólogo, gostando dela como filha, tentou adotá-la, no que foram obstados por um antigo encarregado do Posto de Barra dos Bugres, sob a alegação de que era proibido por lei.

Pouco depois a família tomava conhecimento de que o encarregado do posto vendia Irene por cachaca para um seringueiro. Irene passou de mão em mão e, cheia de doenças venéreas, ficou fisicamente no Posto Paraisópolis, onde casou-se com um índio xavante. Ela e o marido

Cayabi, tem 15 anos e é muito bonita. Irene teve sorte, pois é comum a venda de filhinhos para seringueiros, que têm o costume de passá-los adiante para os companheiros. A maioria encontra a morte ou por doenças ou pelas mãos dos próprios seringueiros.

A essa altura, Pedro Vani não se contenta: imitando o gesto do cacique dos Bakairi, puxa a reportagem para um canto para perguntar se o motivo de nossa visita era para inspecionar e se sabíamos de alguma próxima reformulação no Posto ou a sua respectiva. Afirmando que nossa visita era apenas de curiosidade, para ver os índios, e que nada sabíamos a respeito, o que o deixou tranquilo. Antes de sairmos, Pedro Vani mandou o missionário Sisson avisar pelo rádio aos missionários do Posto Marechal Rondon a próxima etapa da nossa visita.

POSTO MARECHAL RONDON

Chegamos ao Posto Marechal Rondon e fomos recebidos pelo encarregado, Manuel Pinto de Sampaio, e sua mulher, Zuleide Rodrigues Sampaio. Manuel estava muito assustado com a visita e explicou como se deu a visita. Nunca tomara conhecimento para o Posto no dia 2 de fevereiro de 1968. A mulher é professora, não formada, mas temenda. Não há uma única criança, nem mais três endemias. É impossível lerem. Também não há remédios e os alimentos são escassos. A insurreição é o grande problema, como em demais postos. Lá vive uma tribo indígena, o casal e três crianças, em casa bem aparelhada e com todos os recursos. Está no Posto desde 1971. Avisamos pelo rádio pelo missionário Sisson, não apareceu, nem foi possível encontrá-lo. As queixas contra ele foram feitas às autoridades do Posto Corrego Grande. Isto batizando os índios missionários protestantes e já existe até um índio que é pastor. Não fuma, não dança, não canta porque é pecado e está ensinando o protestantismo aos companheiros. Além disso, o chefe do posto reclama que os pastores americanos deixam bem claro para os índios que tudo que tem, é fornecido por eles.

O capitão dos índios desse posto chama-se Ceremec. Ele está doente, provavelmente tuberculoso. Ainda é forte mas passou o posto para o filho, o índio Otaviano Ceremec. Ceremec não se submete ao protestantismo. E contra ele e permanece fiel à cultura da tribo, criticando os companheiros que abandonam. E cuida e gosta de ficar ouvindo.

Na verdade, Manuel e sua mulher, gente simples e humilde, estão muito atônitos. Não sabem ao certo o que fazer e nem têm condições para isso. Abertamente são bons para os índios. São responsáveis por quase 300 xavantes, e duas famílias bakairi.

Nestas tribos não vimos sinais flagrantes de trucidamentos. O que se constatou foi a morte branca, provocada pela total falta de recursos. Os índios, famintos, doentes e sem amparo, morrem da mesma forma, apenas sem sinais de violência.

O professor Omer Montenegro, etnólogo que vive em Curitiba, e que passou anos entre os índios, fazendo um levantamento para o Museu Nacional, acompanhou o JORNAL DO BRASIL nesta inspeção pelos quatro postos do SPI da região norte de Mato Grosso.

Segundo ele, as leis indígenas são mais preocupadas do que as dos brancos. Seu senso de responsabilidade vai ao extremo. Ao contrário do que afirmam muitos, principalmente os seringueiros e fazendeiros interessados no seu extermínio, o índio é pacífico por natureza e jamais ataca um branco, a não ser quando provocado.

— Por outro lado — prosseguiu — desconhecendo os brancos e seus hábitos, somos para eles um grande mistério, que deve ser explicado com reservas. Se um branco ataca um índio, a tribo

inteira passa a considerar todos os brancos como inimigos.

O professor Montenegro arga categoricamente a história de que existam índios antropofagos, que comem brancos. A crendice da antropofagia, segundo aliada o etnólogo, é vinculada principalmente por seringueiros da Amazônia, que têm assim uma motivação para exterminar os índios.

— Quanto à acusação de que os índios são preguiçosos — explicou o Professor Montenegro — os brancos se esquecem ou não sabem que a organização tribal dos trabalhos pesados da lavoura são entre eles a mulher. É homem quem manter a subsistência da tribo, pescando e caçando, defendendo a mulher contra os perigos da selva, enquanto ela trabalha. Daí sua inadequação aos trabalhos de lavoura, crianças que são pelos brancos.

Num trabalho que fez sobre o assunto, o Professor Darcy Ribeiro explicou, de acordo com levantamentos de dados entre os anos de 1940 e 1950, que os indígenas a 1980 não havia mais um só índio em território brasileiro. Sua extermínio causou a perda da língua. Para manter a cultura indígena, é necessário manter o aculturação do índio sem contato com a sociedade branca. Mas parece não há na nossa história do SPI capacidade.

MISSÕES

O grande mal das missões americanas ou brasileiras — segundo os etnólogos — é que normalizam e imitam o modo de ser cultural, sem serem capazes de mudar a cultura. O que os missionários americanos fazem, se não é destruir a cultura e costumes, é a imitação. E o índio vive marginalizado dentro de sua própria tribo.

Existe na tribo Xavante do Posto Marechal Rondon um índio chamado Patá. Alto e forte, e considerado o mais bonito da tribo. Ele foi batizado protestante pela missão e sua família não acredita mais na religião que ele não devia ser, mas não dá para ele não acreditar que é um missionário protestante para dois filhos sacerdotados.

Na tribo Bororo, há um chefe de cacique Antônio. Os Bororo têm o costume tribal de enterrar duas vezes os seus mortos. A primeira vez é no leito do rio, onde o corpo fica durante 15 dias. Depois disso, num ritual, o corpo é enterrado em um túmulo. O corpo é enterrado em um túmulo de terra com penas, e o parente mais próximo vai então fazer o verdadeiro enterro, sóbrio, num local distante e inacessível, para que longe dos olhos humanos ele deixasse para sempre. A missão americana do local foi ao encarregado do Posto, o mesmo Arlindo, e exigiu que este cobrisse da delegacia de Curitiba a proibição da cerimônia e a ordem de que os índios teriam que ser enterrados como os brancos, de uma só vez. Assim foi feito. O cacique Antônio ficou muito bravo com a ordem e em sinal de protesto, fez a pé de Corrego Grande a Curitiba, onde chegou num estado deplorável, para pedir o auxílio e a suspensão da ordem para a tribo. Ele não foi atendido. Este caso ocorreu há poucos anos. Prova que o branco destrói a cultura indígena sem ter nada em troca.

Por outro lado, as missões americanas obtêm permissão para trabalhar no Brasil de acordo com alguns critérios que não são seguidos. Um deles é a responsabilidade de fazer mensalmente um relatório ao Museu Nacional. Isto também se aplica às missões brasileiras. Entretanto, continuam os relatórios que foram feitos até hoje. Há ainda o fato de que várias tribos estão com um rendimento muito baixo de terra e água. As mulheres quase não têm filhos. O sexo aplicado do pela aplicação do DDT às tribos indígenas. Com a aplicação destes aparelhos entomocidas, a tribo vai se reduzindo até a extinção. Os poucos restos são facilmente controlados. Esta afirmação foi ouvida em vários setores de Curitiba, dito por diversas pessoas. Mas ninguém quer esclarecer nada. Todos têm medo de represálias.

Ministro reafirma que culpados irão pagar

Brasil (Sturusa) — O Ministro do Interior, General Afonso Augusto de Albuquerque Lima, reafirmou a seus auxiliares, nesta cidade, que o Ministério sobre irregularidades no antigo Serviço de Proteção aos Índios "há até onde for preciso, no sentido de apurar em toda amplitude as inúmeras responsabilidades e todos os responsáveis pelos crimes".

No Ministério do Interior dilata-se o assunto, informadamente, no a lista de crimes cometidos por antigos funcionários do SPI "através de notas de mil, indo desde a arrancar os olhos dos índios até deixá-los morrer sem a necessária assistência".

O Cel. José Campedelli, Governador

do Território Federal de Rondônia, onde ocorreram em 1963 os massacres dos índios Cinta-Larga e Pacaás-Novos, a mando de seringueiros, disse ontem que não há a menor diferença de estes atos se repetirem no Território em que governa.

Destacou que os índios em Rondônia têm recebido uma grande assistência da parte dos preletos ali existentes, os de Porto Velho e Guajará-Mirim, que recebem os índios doentes a suas instalações e dão-lhes toda a assistência necessária. Um destes são médicos, médicos, utilizando-se de diversos tipos de transporte, principalmente barco, vai aos aldeamentos longínquos e presta aos indígenas toda assistência médica. Inclusive cirúrgica.

O que pode acontecer, destacou o Governador Campedelli, é um ou outro atrito entre indígenas e caboclos, mas espera que, com as providências adotadas, isto não ocorra. Os indígenas na área estão se integrando até na vida econômica do Território.

POLÍCIA FEDERAL

Em cumprimento a ordens do Cel. Florimar Campelo, ex-Diretor da Polícia Federal, datada logo que assumiu, estão sendo acelerados os processos existentes neste órgão sobre crimes contra índios. Foi por ordem do Cel. Campelo

que a Delegada Neves da Costa, do Serviço de Repressão ao Tráfico de Pessoas, esteve na região ocidental do Amazonas, investigando crimes contra os Tiemas.

Além dos 26 funcionários que estão sendo processados de acordo com ordens do Ministério do Interior, enviados pelo Ministério da Justiça ao Departamento de Polícia Federal, estão sendo processados neste órgão por crimes contra índios.

Abílio Coelho Arimatéus, enviado irregular de gado, Sebastião Santiago (prejudicado de índios em Vigara da Conquista), Alcides Pereira Costa (desfalco de índios no posto), Valdir, Alexandre Angelo Gomes (da expedição), Antônio Ramos (desfalco de índios

da índia moroc), Olímpio Ferraz (matança de índios Pancarus), Sebastião Capixaba (assassinato de índio Muxacali), Vitor Pereira (assassinato), Maurício Otton (matança de índios), Aníllon Lima de Sá, Felício Pereira de Araújo, José Fernando da Cruz, Rui Pedro de Aguiar (matança de índios Pancarus), Geraldo Magalhães (matança de população para matar terras indígenas), Pedro Dantas Guimarães, Bonifácio Fagundes de Oliveira (assassinato), Iraciano Amaralino de Oliveira, João Lopes Velloso de Oliveira, Lourenço da Mota Cabral, Cleto Cavalcanti de Albuquerque, Cleto José de Sousa (espancamento), Francisco Ro-

drigues da Fonseca, Arthur Canguiú (assassinato), Geraldo Oliveira (assassinato de terras) e João Leal dos Santos (espancamento).

Do massacre dos índios Cinta-Larga, em Barra do Cordo, Maranhão, estão acusados: Afonso Marcel, Alberto Sobral, Alcides Aranda, Antônio Dias, Antônio Oliveira, Antônio Rêgo, Antônio Rosa, Cleto de Lima, Dirceu Marcel, Miguel Verdesimo e Mexilas Ferreira de Sousa.

Do massacre dos índios Cinta-Larga, no município de Rio Aratuama, são acusados: Antônio Mascarenhas Junqueira, Sebastião Palma Aranda, Trecho Lombardi, Rato, Francisco Luis de Sousa, Ataíde Pereira dos Santos e Maciel Virgílio dos Santos.